



Carta do Gestor - Outubro/21

Caros Cotistas, Parceiros e Amigos,

O Fundo Newton teve desempenho positivo em outubro, com alta de 10,11%, no mês, acumulando 27,45% em rentabilidade para o ano e retomando uma tendência consistente de valorização dos ativos tecnológicos após a correção de preços observada ao longo de setembro.

A valorização no mês justifica-se em dois principais pilares, um de natureza macro, outro de natureza microeconômica.

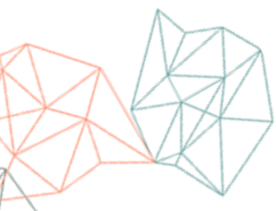
No macro, persiste um comportamento volátil nas percepções do mercado sobre os reais impactos do iminente movimento de *tapering* por parte do FED, isto é, o início da retirada de estímulos econômicos que, muito provavelmente, envolverão a alta de taxa de juros, com aumento do custo de capital – o que tende a penalizar as Techs, especialmente àquelas que ainda apresentam resultados deficitários e exigem alavancagem para garantir robustez de crescimento. No caso de outubro, houve melhoria das perspectivas ruins alardeadas em setembro, facilitando o retorno de preços dos ativos para patamares observados em agosto. De toda forma, persiste a incerteza sobre a agressividade do movimento de *tapering* sobre os ativos em bolsa, sem clareza de como flutuará o incremento de juros previsto para 2022 – estamos ainda diante de um cenário de cautela, que exige escolha dos ativos com bastante diligência e atenção à gestão de risco, priorizando empresas com operações mais maduras, superavitárias e com forte crescimento independente de movimentos alavancados.

No micro, a safra de balanços das empresas para o terceiro trimestre também se mostra como um exercício de interpretação bastante desafiador. O mercado parece apresentar entusiasmo em ativos que, mesmo diante do contexto pós-Covid, conseguiram bater metas de crescimento e manter suas perspectivas de resultados futuros (*guidances*), com fortes altas em papéis como Tesla, Google, Microsoft e ServiceNow. Ao mesmo tempo, ativos com forte crescimento e batimento de metas, porém com revisão de *guidances* para baixo, mesmo que em pequeno nível, foram severamente penalizados, como nos casos de Paypal e Roku, por exemplo.

Dois outros pontos estratégicos devem ser destacados aqui na compreensão dos resultados de outubro: (i) o início da percepção de impactos financeiros nas projeções de negócios que sofreram com a mudança de regimento da Apple para a obtenção de dados de usuários, em especial no caso de players de Redes Sociais e Games; (ii) as suposições de mercado sobre a concretização da compra pela Pinterest pela PayPal, num movimento que gerou instabilidade especialmente sobre as Fintechs listadas – transação que, depois, foi descartada pela PayPal.

É importante comentar que os resultados da cota em Real também se fortaleceram parcialmente pela valorização do Dólar ao longo do mês, diante de um contexto Brasil cada vez mais complexo na relação política-economia para estabilização do país no pós-pandemia.

Como de praxe, vamos segmentar a Carta do Gestor em Cenário Macro e Cenário Tech.





Em Macro, já adiantamos uma espécie de desabafo sobre a tragédia que tem se desenhado para o mercado local de ações em 2022 – o que só ressalta a importância da diversificação em ativos de renda variável no exterior, como no caso deste Fundo.

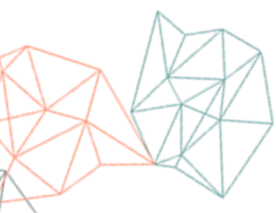
Em relação ao Cenário Tech, vamos segmentar o tópico em dois temas que exigem acompanhamento bastante particular no momento atual: (i) a efervescência do tema “Metaverso” como tese de alocação em papéis empoderados pelo movimento Facebook – Meta; (ii) a avaliação sobre o *ramp-up* de preço da ação da Tesla, empresa com representação significativa em nosso benchmark (Nasdaq-100), novamente com valorização impulsionada diante de uma combinação questionável entre aspectos fundamentalistas e oportunistas.

Desejamos uma boa leitura, reforçando a importância do *Stock Picking* na gestão em renda variável, ainda mais no momento atual – somos muito gratos pela confiança de todos, também agradecendo a toda equipe Newton pela maturidade na gestão de Risco e Retorno ao longo de um 2021 bastante particular.

CENÁRIO MACRO

Lamentavelmente, o Brasil parece estar à deriva, e alertamos em artigos no nosso blog sobre a importância de diversificar os investimentos, alocando parte do portfólio em fundos no exterior. A debandada de peças chave da equipe econômica recentemente em função da “gambiarra” fiscal para estourar o teto de gastos é uma pá de cal nas esperanças de termos um Governo comprometido com a tão necessária austeridade fiscal. O ex-presidente do BC, Gustavo Franco, ironizou recentemente numa live, que “se você fica um mês fora do Brasil, quando volta, já mudou tudo... E se você fica 10 anos fora do Brasil, quando volta, percebe que nada mudou”. E é bem isso mesmo. A percepção dos possíveis acertos tem vida curta e não perduram, mas os erros estruturais se repetem numa sensação nefasta de *Dejá-vù*. Falta planejamento de longo prazo no Brasil. Falta compromisso com um crescimento sustentável e com austeridade fiscal, ao invés de artimanhas que só levam a voos de galinha com propósitos eleitoreiros. Bolsonaro também bebeu do cálice amaldiçoado do populismo, costurando acordos para “legalizar” o estouro no teto de gastos, e assim turbinar seu programa social (o Auxílio Brasil), numa tentativa desesperada de recuperar sua arranhada popularidade e angariar votos para a reeleição de 2022. E tal manobra – na essência - em nada difere das pedaladas fiscais que levaram ao impeachment de Dilma Rousseff em 2016. E tem no cerne da questão a continuidade do Bolsa Família do Governo Lula e programas sociais implementados por FHC, isto é, o assistencialismo em larga escala, que é o maior cabo eleitoral do político brasileiro, seja de esquerda, centro ou de direita. E quem sofre com isso, além das futuras gerações, é o fragilizado quadro fiscal brasileiro, já aos frangalhos.

Que Bolsonaro flerta com decisões monocráticas intervencionistas já havia ficado evidente com as “canetadas” na Petrobras e Banco do Brasil há poucos meses. Mas o Ministro Paulo Guedes sempre foi





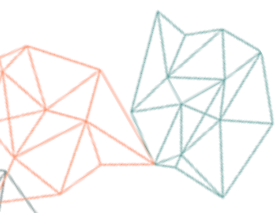
o fiel da balança, conduzindo a economia com pulso firme e – na teoria - nos trilhos. A “licença para gastar R\$30 bi fora do teto” foi uma bigorna na cabeça do mercado, e contra fatos, não há argumentos. Populismo tem seu preço... o dólar disparou, a Bolsa despencou, a confiança dos investidores no Brasil evaporou. Soma-se a este quadro uma inflação galopante e uma atividade econômica pífia, com renomados economistas cortando suas projeções de PIB para 2022, em vários casos, já com projeções negativas. E o foco recai no BC, que fica forçado a aumentar os juros de maneira mais agressiva para tentar frear a inflação e trazê-la de volta para dentro da meta no ano que vem.

Esta combinação de juros mais altos, inflação e pouco (ou nenhum) crescimento econômico no Brasil reforça a necessidade de diversificação do portfólio, e acreditamos que pelo exposto acima – e que pode, inclusive, se agravar ao longo dos próximos meses com a eleição presidencial no Brasil - vale muito a pena investir numa carteira com as ações das maiores empresas de tecnologia do mundo.

Não que o resto do mundo também não tenha seus problemas, mas a percepção dos riscos nos EUA, Europa e, até mesmo, a China nos parecem menores que no Brasil nos próximos meses.

Os EUA devem começar a aumentar os juros e retirar gradualmente a liquidez do mercado. Isso pesa negativamente sobre o setor de tecnologia, mais dependente de financiamentos para crescer e se desenvolver. Por outro lado, em momentos como estes, priorizamos na carteira do Newton posições maiores em empresas autossuficientes, com posição de caixa robusta e forte geração de caixa, e que – operacionalmente - passam praticamente ilesas nas turbulências. Os *yields* da nota de 10 anos do Tesouro Americano voltaram a subir acima de 160bps, sugerindo que o aumento de juros deve vir em breve, e apesar disso, o Nasdaq continua subindo e quebrando recordes de performance.

A safra de balanços nos EUA – até o presente momento – está vindo forte e até melhor que o esperado. Tínhamos a preocupação (compartilhada com alguns dos grandes bancos de Wall Street) de que a falta de componentes (tais como chips, embalagens, containers) poderiam prejudicar a produção de várias empresas no trimestre, o que se confirmou apenas parcialmente. Tesla surpreendeu positivamente nas entregas, Microsoft bateu as expectativas do mercado pelo 15º trimestre consecutivo, muito pelo desempenho do seu business de SaaS. Por outro lado, Amazon e Apple sofreram um pouco mais com este cenário de falta de componentes, sendo que Apple já sinalizou que não deve conseguir atender a demanda por novos iPhones neste final de ano, e Amazon projeta alguns bilhões adicionais nos seus custos operacionais, muito afetados por *fulfillment*, logística e o impacto da inflação na mão de obra. Mas as perspectivas com a gradual retomada da economia são positivas, e um indicador (despretensioso) dessa propensão a consumir tão logo vençamos de vez a pandemia são, por exemplo, os gastos das pessoas com o Halloween, que de acordo com projeções da Federação Nacional do Varejo (National Retail Federation) devem bater USD 10,1 bilhões em 2021 (frente a uma média de USD 9 bilhões entre 2017 e 2019, e USD 8 bilhões no ano passado). Há vontade represada de consumir. Todos sentimos isso e queremos, na medida do possível, recuperar o que não vivemos nos últimos 18 meses.





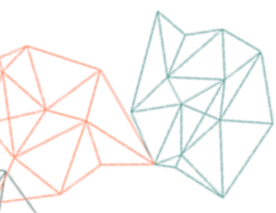
Na China, ainda existe muita apreensão com possíveis calotes de grandes empresas do setor imobiliário, inicialmente com a Evergrande, e depois com outras incorporadoras (como Modern Life e Sinic) alertando para o descompasso de seus fluxos de caixa e dificuldade de honrar compromissos. Há também uma certa cautela com a provável desaceleração econômica causada pelas medidas restritivas na produção de energia, já que o Governo chinês vem tentando reduzir o impacto ambiental. Mas as perspectivas para a economia chinesa são encorajadoras, e projeções oficiais do Governo chinês sugerem que classe média na China deve dobrar de tamanho ao longo da próxima década, de tal forma que 800 milhões de habitantes estejam inseridos nessa classe média. Da mesma forma, o PIB per capita da China – atualmente em torno de USD 10 mil - deve triplicar até 2035. Isso ilustra o potencial de consumo que está por vir na China, o que acabou nos levando a reconsiderar Alibaba após a derrocada de suas ações nos últimos meses.

E quanto ao FED, reforçando o otimismo do mercado, a postura mais dura de Jerome Powell em seu discurso de corte de estímulos - após o pronunciamento do *tapering* - explicitamente argumentou que não há impacto nas políticas de juros, levando o Nasdaq 100 a superar pela primeira vez na história os dezesseis mil pontos.

CONSIDERAÇÕES SOBRE METAVERSOS

Mark Zuckerberg anunciou um reposicionamento importante para o Facebook Company, que passa a se chamar Meta, em alusão ao termo Metaverso, espécie de universo paralelo tido como a atual fronteira do desenvolvimento social na web. Os produtos atuais (Facebook, Instagram, Whatsapp, Messenger) persistem com suas próprias marcas, ao passo que o modelo de receita do grupo, totalmente focado na venda de mídia, também persiste inalterado.

Muitos comentaram que a transição para Meta apenas copia a anterior criação da Alphabet pelo Google, mirando a valorização das ações da companhia através de um movimento que evidencia o valor intrínseco do seu *roadmap* de P&D. Esse argumento pode até fazer sentido, mas é inevitável não olhar para uma diferença clara entre os dois casos: enquanto o Metaverso é um objetivo-fim para o Facebook, a Alphabet é um formato organizacional que opera um grande laboratório com possíveis aplicações de inteligência artificial (Google + Other Bets). Enquanto um modelo foca em valorizar um negócio baseado na conclusão de um *roadmap*, o outro modelo foca na valorização do durante de suas tentativas. Ambas as valorizações soam como promessas, mas não se pode negar que o movimento do Metaverso parece ser ainda mais abstrato para o Facebook, do que eram as Other Bets para o Google à época de criação da Alphabet. Os mais críticos podem salientar que o momento do anúncio se trata, na prática, de uma forma habilidosa de esquivar o Facebook de uma série de questionamentos sobre a real sustentabilidade de um business extremamente lucrativo nos tempos atuais, mas que sofre da total dependência de dados e informações de seus usuários (com e sem consentimento) para conseguir se manter.





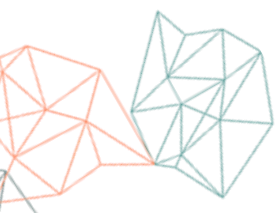
A Apple atacou a jugular dos principais players em redes sociais recentemente, empoderando seus usuários para que possam restringir o compartilhamento de suas informações para o disparo de anúncios de terceiros. Foi uma ameaça dura às perspectivas de crescimento do modelo de receita dos líderes de mercado de ferramentas sociais, causando quedas de valor de ações em diversos players, com destaque ao tombo de 20% no valor de Snapchat no dia de seu anúncio de resultados para o 3º trimestre de 2021.

Vamos concentrar esforços em esmiuçar melhor esse tal “Metaverso” descrito por Zuckerberg, onde, segundo ele, finalmente as conexões entre pessoas serão mais importantes do que a tecnologia em si. Muita gente busca simplificar o conceito de Metaverso como o desenvolvimento de Universos Virtuais, locais fictícios onde as pessoas podem interagir entre si por meio de avatares. Essa interpretação mais típica do Metaverso alinha-se a um conjunto amplo de ambientes virtuais já disponíveis no mercado, especialmente no setor de games. Jogos como o Farmville, um dos responsáveis pelo crescimento exponencial da Zynga, já traziam elementos de interação virtual, inclusive dentro do próprio Facebook. O Minecraft, hoje da Microsoft, nada mais é do que uma espécie de Metaverso dos blocos. A Activision Blizzard, criadora do World of Warcraft, é responsável por vários dos Metaversos dos dias atuais – aliás, várias companhias líderes em games prosperam atualmente pela infinita capacidade de monetização de artigos digitais em seus Metaversos – quem conhece a Roblox e seus Robux que o diga: a empresa basicamente exponencializou as possibilidades de interação e monetização entre pessoas em ambientes gamificados.

Agora, se analisarmos literalmente o sentido da palavra Metaverso, começamos a perceber porque o termo entrou em voga mais recentemente, especialmente quando a Realidade Virtual (VR) começou a dar mais espaço à Realidade Aumentada (AR) e, como consequência, a uma mescla mais aplicada entre funcionalidades digitais e físicas para uma experiência virtual mais imersiva (Realidade Mista – MR). Um “meta”-verso nada mais é do que um “universo que transcende”, um universo metafísico, independentemente de sua essência 100% digital ou não. E é aqui que o Facebook parece apostar suas fichas. O lançamento de um par de óculos com Realidade Aumentada embarcada, em parceria com a Ray-Ban, já dá uma deixa interessante: talvez os Metaversos funcionais possam ser bem mais simples do que se imagina, muito menos virtuais e mais “aumentados”.

Logicamente não existe certo ou errado quando falamos de fronteira da ciência, mas vamos destacar algumas ideias para buscar entender onde está a geração de valor através dos Metaversos na ótica de análise do Newton Fund.

Quando analisamos *roadmaps* de empresas de inovação tecnológica, assim como todo Venture Capitalist de formação, gostamos de tentar entender quais “dores” reais de mercado serão atacadas por uma nova proposição tecnológica. É curioso pensar como algumas das dores do mundo digital não são mais apenas derivadas de ineficiências apresentadas pelo mundo físico, mas sim de ineficiências novas, trazidas pelo próprio mundo digital na sua confusão de desenvolvimento. A Internet trouxe uma abundância de informações para todos, acessíveis e compartilháveis a qualquer momento, por





qualquer pessoa. O mundo acabou se transformando numa imensidão de conteúdo, sofrendo enormemente para discernir conteúdo bom de conteúdo ruim, não sabendo como viabilizar a curadoria de conteúdo conforme demanda e, talvez mais importante, como efetivamente vetar conteúdo agressivo à sociedade.

Fato é que a abundância de informação online não trouxe apenas problemas na gestão e disseminação da própria informação – estão emergindo problemas sociais bem mais críticos: problemas de alinhamento entre a expectativa e a real capacidade de produção das pessoas e dos negócios. Com a velocidade de acesso e assimilação de informação em incessante expansão, como fazer com que tantas novas ideias e oportunidades possam ser sim supridas pelo trabalho das pessoas? Como fazer com que pluralidade de informação e de produção possam seguir socialmente em ritmo mais sincronizado?

É aqui neste cerne em que se pode identificar uma dor real e uma rota tecnológica endereçável pelo conceito de Metaversos. Lugares reais, aumentados, em que o virtual serve para escalar a capacidade de produção das pessoas e dos negócios e acompanhar a capacidade desenfreada de absorção de conhecimento. Os Metaversos tendem a oferecer ferramentas aumentadas capazes não só de aplicar a inteligência artificial como replicação do comportamento do indivíduo, mas sim como replicação de um comportamento coletivo, simulando e resolvendo demandas de produção em espaços paralelos.

Na prática: não vamos apenas ter um algoritmo que recomenda produtos que talvez queiramos comprar ao ver vídeos, postagens e notícias sobre determinados temas nas redes – vamos sim ser apresentados a pessoas cujos conhecimentos sejam complementares aos nossos, e cuja associação facilite o desenvolvimento de novos produtos e serviços para otimizar a vida de um volume ainda maior de pessoas. Uma solução aumentada que entenda que você busca um emprego, por exemplo, e te apresenta pessoas com aptidões para compor uma equipe, criando um ambiente de trabalho virtual entre elas e gamificando a experiência de criação coletiva.

A coletividade permitida pelo movimento dos Metaversos é tão complexa e intrigante que dificilmente conseguimos enxergar um player líder no já tradicional mundo da mídia online como o cavalo vencedor dessa transformação. Será muito difícil para o Facebook tirar o olho de sua formidável máquina de monetização do consumo virtual para adentrar num *roadmap* tão profundo quanto esse disposto pela espacialização da inteligência artificial. Ao menos por enquanto, parece se tratar da velha máxima do gigante sendo engolido ou, ao menos, tendo que se confortar em conviver com inovadores pequeninos, que crescerão exponencialmente ao sintetizarem P&D de Realidades Mistas em aplicações reais. Pode parecer contraditório, mas já existem vencedores iminentes nesse movimento. Nvidia e sua solução Omniverse talvez seja o mais nítido desses players, uma plataforma que usa toda a capacidade das GPUs da empresa para compor ambientes virtuais de colaboração em tempo real. A base da solução já está sendo adotada como fundamento para a criação de uma série de outros Metaversos anunciados, se portando com um gerador coletivo de outros ambientes virtuais.





Outros exemplos se dão nas companhias que provêm tecnologia para aumento dos pontos de acesso à interação com Metaversos, o que exige inovações disruptivas na cadeia de desenvolvimento de novos protocolos em Internet das Coisas (“IoT”) – neste aspecto, destacam-se novamente players em semicondutores, com destaque a líderes em FPGA, espécies de chips programáveis, cujo líder global é a Xilinx, companhia em trâmite de ser adquirida pela AMD, que recentemente adentrou o portfólio de investidas do Newton Fund.

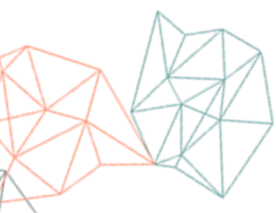
É quase clichê aqui falar sobre segurança cibernética – afinal, tudo o que exige maior gestão e manipulação de dados requer mais segurança sobre eles. Quando falamos de Metaversos, no entanto, é impossível não enfatizar companhias já líderes em gestão de identidade e acesso, como a Okta. Afinal, mesmo estando em ambientes de realidade mista, às pessoas ainda tendem a querer pelo menos ter certeza de que ainda existem como identidades únicas e protegidas nas redes, ou seja, como indivíduos.

Em resumo: Metaversos estão muito longe de ser apenas games ou avatares simpáticos para a interação entre pessoas em ambientes virtuais – estamos falando de uma nova rota tecnológica para uma produção colaborativa massificada, capaz de acompanhar o ritmo da assimilação desenfreada de informação disponível nas redes. Por ora, o que nos resta fazer é monitorar de perto os desenvolvimentos e, com atenção, identificar algumas bases tecnológicas essenciais que serão empoderadas neste movimento, reforçando a alocação em papéis que vão além do buzzword e que são indispensáveis para as novas construções sociais em meios digitais.

CONSIDERAÇÕES SOBRE TESLA

O grande destaque da temporada de resultados no terceiro trimestre, até o momento, fica por conta da Tesla: em um ambiente econômico cada vez mais desafiador para as montadoras, a empresa entregou outro trimestre de recordes, superando as projeções de EBITDA dos analistas em quase 10%, fruto de uma margem bruta acima do esperado (26,6% contra 24,21% projetado). A entrega de novos carros ficou em 241 mil unidades, um aumento de 73% em relação ao mesmo período do ano passado – se considerarmos os nove primeiros meses do ano, a empresa praticamente dobrou o número de veículos.

O terceiro trimestre da indústria automotiva foi marcado pela severa redução na produção, resultado da falta de semicondutores e dos problemas logísticos que assolam o mundo. Como resultado, vimos uma queda expressiva no número de carros vendidos pelas grandes marcas, como GM (33% a menos que no mesmo período do ano passado) e Ford (15% a menos). Era de se esperar que pelo menos algum impacto também seria visto nos resultados da Tesla; os números, entretanto, mostraram que a empresa passou longe dos problemas que assolam o planeta. Esse fenômeno pode ser explicado por dois fatores preponderantes: o primeiro é a disposição geográfica da empresa. A Tesla, hoje, produz carros em apenas duas plantas, sendo uma Califórnia e, a outra, em Shanghai.





A concentração em apenas duas plantas (ao contrário da GM, por exemplo, que possui dezenas de plantas apenas nos EUA) permite à empresa ganhos de eficiência em logística, tanto pela simplicidade na operação quanto pela proximidade do mercado chinês, maior produtor de chips do mundo. O outro motivo pelo qual a Tesla parece ter conseguido evitar os problemas vistos em toda a indústria tem a ver com a tecnologia embarcada nos carros da empresa: a Tesla utiliza chips de última geração nos seus carros, chips esses mais avançados que aqueles vistos no resto da indústria. O fato de não haver tanta demanda por esse produto também joga a favor da empresa, que pode trabalhar melhor a relação com os seus fornecedores.

O resultado do terceiro trimestre expõe fortalezas importantes na concepção inovadora de produtos da Tesla frente aos concorrentes – elementos que já eram de conhecimento de mercado e, em geral, já precificados na avaliação da grande maioria dos analistas. A pergunta que surge é: por que resultados dentro do esperado destravaram tanto valor para a empresa recentemente? E por que especificamente a transação de compra de 100.000 veículos Tesla pela Hertz parece ter acentuado ainda mais essa valorização para níveis acima de U\$1 tri?

Debatemos no Newton sobre o tema e revistamos o caso Tesla em nosso modelo TFMP, visto a atualização de modelo exigida por eventos críticos de mercado e/ou anúncio de resultados. Nos patamares de preço atuais, ainda enxergamos uma inconsistência significativa da avaliação do papel frente a outros players em estágio similar ao longo da J-Curve (*strugglers* – empresas com recentes resultados de geração de caixa operacional). Numa avaliação fundamentalista, Tesla ainda precisará conviver com um mapa competitivo cada vez mais agressivo e pulverizado em novos entrantes e antigos players que têm sim se movimentado de forma inovadora na temática de carros elétricos e autônomos (desafios críticos na dimensão de análise M).

A empresa tem atrasado sistematicamente o *roadmap* de lançamento de veículos puramente autônomos, considerado o divisor de águas para a mobilidade humana e que, muito provavelmente, será responsável por dividir quais serão as companhias realmente perpetuadas como líderes no setor automotivo (mais desafios, agora na dimensão T).

A companhia ainda convive com o dilema da instabilidade de seu fundador, Elon Musk, que chegou a considerar vantagem da atual posição de valorização da empresa para mais uma movimentação nada tradicional: jogar ao seu público no Twitter a decisão sobre vender 10% das suas ações na empresa, com a justificativa de questionar a tributação sobre lucros não realizados (um desafio constante na dimensão de análise P).

Entendemos no Newton Fund que Tesla já tem sim destravado valor como *player* inovador no setor automotivo, em posicionamento análogo ao fenômeno de aumento de valor agregado na experiência de usuário e empoderamento da percepção de marca, legados essenciais de Steve Jobs na Apple. A questão chave de análise, em nossa visão, é de que batimento de metas financeiras e agressividade de crescimento são premissas na avaliação de preços de Techs com múltiplos – não consequências de resultados já pré-precificados.



CATARINA CAPITAL

NEWTON TECH FUND



Uma Tech tende a não superar patamares de preço de ação por bater metas e disruptar concorrentes – isto já é feito previamente pelo mercado, na construção das premissas de crescimento e de transformação propostas por cada negócio. A compra de veículos pela Hertz tampouco catalisa qualquer nova destrava de valor. Nossa visão, portanto, é de que haverá eventualmente um fenômeno de correção do papel, muito provavelmente já estimulado pelas próprias provocações de liquidez do fundador da empresa.

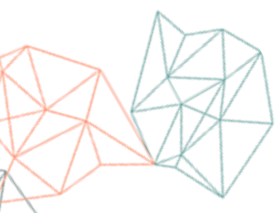
Diante desta visão, tomamos uma decisão importante, que deve ser comunicada a todos os investidores: devemos sim visualizar certo descolamento negativo do resultado do fundo frente a seu benchmark no curto-prazo, visto a relevância do resultado de Tesla no Nasdaq-100 (aproximadamente 6%) e a agressividade de crescimento da ação ao longo de outubro (43,65% em dólar). Vamos aguardar, contudo, pela correção que projetamos para Tesla no mercado, continuando com nossa filosofia de investimento sob drivers fundamentalistas em todos os ativos, independente ou não de *buzz*.

Agrademos a leitura e permanecemos à disposição, mantendo a convicção no sucesso de nossa abordagem de investimento em ações de empresas líderes e expoentes na transformação do mundo.

Saiba como investir no Newton Tech Fund através do link: <https://www.newtonfund.com.br/>

Gratos pela confiança,

Equipe Newton Tech Fund





DEFINIÇÕES E INTERPRETAÇÃO

Nasdaq 100 - Índice das 100 maiores empresas não financeiras da Nasdaq;

FED – Federal Reserve System, banco central dos Estados Unidos;

Fintechs – Empresas de tecnologia para o mercado de finanças;

Ramp-up – Elevação;

Stock Picking – Seleção de ativos específicos;

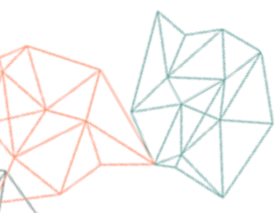
Yields – Rendimentos;

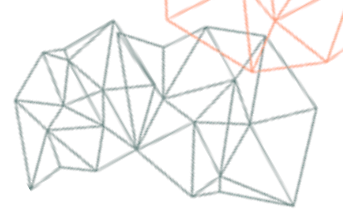
Fulfillment – Processo de organização e entrega do produto ao consumidor final;

Roadmap – Plano ou operação de lançamento (produtos, projetos, negócios);

Buzzword – Algo popular por determinado período;

Player – Participante de um determinado contexto.





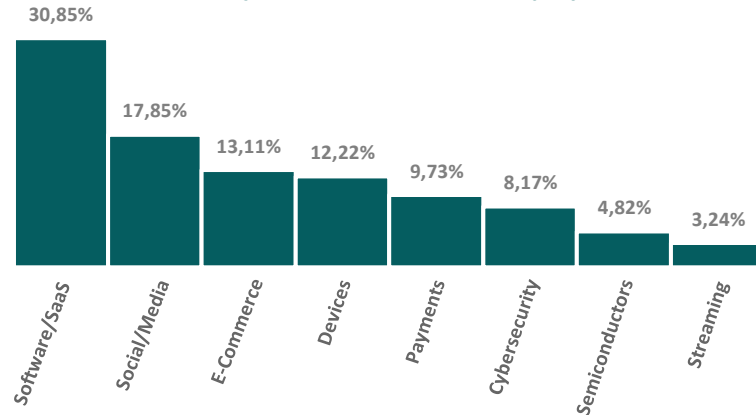
Newton Global Tech Fund FIA IE – Outubro 2021

OBJETIVO: Alocação de recursos em ações de empresas globais de base tecnológica (negociadas em Nasdaq e NYSE), com base em portfólio de companhias líderes em suas respectivas frentes de atuação em tecnologia, com forte crescimento e potencial/realização de geração de caixa.

POLÍTICA DE INVESTIMENTO: Fundo Long-Only (apenas posições compradas) com base em metodologia proprietária para análise de Ações Tech, integrando conceitos de Venture Capital ao Equity Research tradicional. São avaliados cenários e indicadores de desempenho em torno de quatro conjuntos de critérios: Tecnologia, Finanças, Mercado e Pessoas (abordagem TFMP). Através de Comitês Semanais, a gestora interpreta o impacto de eventos de mercado sobre os fundamentos de análise, assim como monitora variações críticas de preço, comparando empresas em patamares similares de geração/consumo histórico de caixa.

PÚBLICO ALVO: Investidores qualificados interessados na diversificação de investimentos para ações de líderes e expoentes globais em tecnologia.

Alocação Global Techs (Nasdaq/Nyse)



Características	
CNPJ	37.994.000/0001-64
Data de início	14/12/2020
Aplicação mínima	R\$ 1.000,00
Saldo mínimo	R\$ 1.000,00
Movimentação mínima	R\$ 1.000,00
Cota de aplicação	D+1
Cota de resgate	D+4
Liquidação de resgate	D+2 após cotização
Horário máximo para solicitação de resgates	14:30
Carência para resgate	Não há
Tributação aplicável	Ações
Taxa de saída antecipada	Não há
Taxa de administração	2,00% a.a.
Taxa de performance	20% do que exceder o Nasdaq-100 BRL
Classificação ANBIMA	Ações Investimento no Exterior
Gestor	Catarina Capital
Administrador	Banco Daycoval

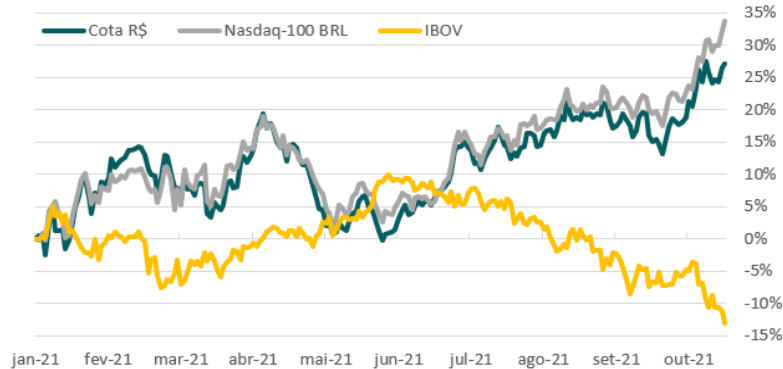
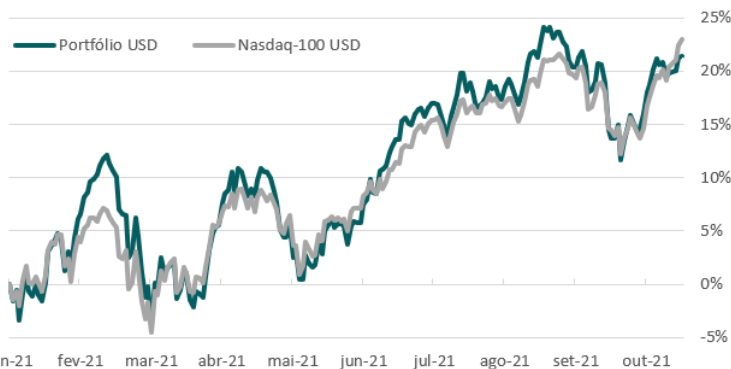
Performance

Retorno anualizado	32,04%
Volatilidade *	23,17
Índice de sharpe *	1,23
Rentabilidade acumulada desde o início	27,45%
Número de meses positivos	8
Número de meses negativos	3
Número de meses acima de 100% do Nasdaq-100 BRL	5
Número de meses abaixo de 100% do Nasdaq-100 BRL	6
Maior rentabilidade mensal	10,11%
Menor rentabilidade mensal	-6,42%
Patrimônio líquido	R\$ 7.507.343,15
Patrimônio líquido médio *	R\$ 4.308.818,47

* Calculado desde sua constituição até 29 de outubro de 2021.

Informações Adicionais

Número de empresas	18
Top 5 maiores alocações	47,98%
Fundo aberto para novas aplicações	www.newtonfund.com.br



Rentabilidades (%)

	2020							2021							YTD	Acumulado
	D	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D			
Portfólio USD*	0,38	1,25	1,76	-2,23	7,96	-2,81	8,92	1,26	6,19	-8,12	6,72	-	-	21,39	21,85	
Nasdaq-100 USD	1,74	0,29	-0,12	1,41	5,88	-1,26	6,34	2,78	4,16	-5,73	7,90	-	-	22,98	25,12	
Cota R\$	0,27	6,33	2,89	-1,25	3,22	-6,42	3,62	4,87	5,04	-3,09	10,11	-	-	27,12	27,45	
Nasdaq-100 BRL	2,96	5,66	1,83	3,28	0,94	-4,65	1,75	5,94	4,11	-0,23	11,41	-	-	33,52	37,59	

* Os cálculos da rentabilidade do Portfólio USD não levam em consideração a variação do câmbio e os custos do fundo, sendo contabilizado apenas o rendimento das ações do portfólio.

A Catarina Capital Consultoria e Gestão Ltda. não comercializa e nem distribui cotas de fundos ou qualquer outro ativo financeiro. Este relatório mensal retrata as opiniões da Catarina acerca da estratégia e gestão do fundo e não deve ser entendido como oferta, recomendação ou análise de investimento ou ativos. Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. O investimento em Fundo não é garantido pelo Fundo Garantidor de Crédito. Leia a lâmina de informações essenciais, se houver, e o regulamento antes de investir. A Catarina não se responsabiliza por erros de avaliação ou omissões. Os investidores devem tomar suas próprias decisões de investimento. O investimento em fundos pode resultar em perdas patrimoniais para seus cotistas, podendo inclusive acarretar perdas superiores ao capital aplicado e a consequente obrigação do cotista de aportar recursos adicionais para cobrir o prejuízo do fundo. Para mais informações acerca das taxas de administração, cotização e público-alvo de cada um dos fundos, consulte os documentos do fundo disponíveis no site newtonfund.com.br. Este material não pode ser copiado, reproduzido ou distribuído sem a prévia e expressa concordância da Catarina. Supervisão e Fiscalização: Comissão de Valores Mobiliários - CVM. Serviço de Atendimento ao Cidadão: www.cvm.gov.br. Contato Institucional Catarina Capital: contato@catarinacapital.com / +55 48 3236-6180.